

“Quando a gente não tá no imaginário popular”

As insurgências dos marginalizados do Conjunto de Favelas do Chapadão

Autor(01): Lara de Araújo Luzente

Filiação institucional: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

E-mail: laraluzente@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo visa discutir a atuação do Coletivo COE, movimento social, que se configura dentro de uma lógica urbana de segregações e exclusões, marcada por diversas assimetrias no uso do espaço. Dessa maneira, artigo será dividido em duas partes, na primeira o que se pretende é analisar como a visão da mídia hegemônica e do Estado influenciam na construção da identidade dos moradores do Conjunto de Favelas do Chapadão, além de debater sobre as intencionalidades discursivas reproduzidas pelas reportagens jornalísticas acerca das favelas. E a segunda parte destina-se a expor os resultados do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes, projeto que foi desenvolvido pelo Coletivo COE na Favela do Final Feliz, que está localizada no bairro da Pavuna, periferia urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Movimentos Sociais Urbanos, Segregação Espacial, Horta Urbana.

GT 09 – Metrópole, metropolização e dinâmica espacial contemporânea

“Sim, mas favela nunca foi reduto de marginal, eu falei

A favela nunca foi reduto de marginal

Só tem gente humilde marginalizada

E essa verdade não sai no jornal

A favela é um problema social”

(Bezerra da Silva)

1- Introdução

Bezerra da Silva, ilustre cantor e compositor brasileiro, demonstra a sua concepção a respeito do povo favelado de uma maneira singular na música “A favela”. É a partir desta música que a proposta de escrita do artigo se inicia, pois, corroboro com a visão de Bezerra quando diz que existe uma verdade única estampada nos jornais e que esta exalta, na maioria das vezes, a violência presente na favela. Dessa forma, homogeneizando um espaço que é por sua essência bastante heterogêneo. Assim, existe uma ideia da favela como reduto de marginais, pretendo contribuir com este artigo para desmistificar essa ideia, expondo que na verdade a favela é composta de gente humilde marginalizada. Discutir a margem da metrópole e suas particularidades é o que se pretende.

Como dito anteriormente, este artigo visa discutir as múltiplas formas de enxergar o Conjunto de Favelas do Chapadão. O rebatimento espacial a ser analisado é o lugar que me sinto pertencida, já que aqui fui “nascida e criada”. Logo, posso me apresentar como cria do Jorge “de guerra”, meu pai, que mora aqui desde o dia do seu nascimento feito por uma parteira na antiga casa da minha avó. Portanto, tenho um grande laço afetoso por esse espaço que abrigou a mim e a minha família desde sempre. Dito isso, deixo claro que busco fazer uma investigação militante¹ a partir da minha posição de “insider”.²(BARTHOLL, 2018)

Além disso, falar sobre o conjunto de favelas do Chapadão me deixou confortável, na medida que me sinto parte dessa pesquisa, pois tenho uma trajetória, ainda que pequena, sobre a miudeza de como é viver na favela, desde o som do tiro até o canto do moço que vende

¹ Pretendo desenvolver melhor os conceitos de pesquisa-ação e investigação militante na parte da fundamentação teórica. Porém de modo introdutório, Bartholl considera a investigação militante “uma ferramenta de reflexão da luta para fortalece-la, quanto pelo fato de ser uma investigação exercida em contexto de militância por alguém envolvido e inserido diretamente nos próprios processos pesquisados.” (2018, pág. 77)

² “Interno”, referente ao grupo ou movimento social que é sujeito da pesquisa” (BARTHOLL, 2018, pág. 75)

empada. Assim, acredito que essa pesquisa-ação³ é potente, pois a construção parte dos incômodos que surgem no cotidiano. Além de concordar com Marcelo Lopes de Souza quando admito que nem sempre a pesquisa precisa ser vista pelo ponto de vista de quem carrega a “visão de sobrevoo” (SOUZA, 2011). Concordando com Bartholl “é da participação ativa no movimento social que surgem questões para a (auto) reflexão que encontram na geografia/ciências sociais ferramentas potentes para o seu aprofundamento”. (BARTHOLL, 2018, pág. 76)

À luz desta visão, surge um incômodo muito grande relacionado ao olhar preconceituoso de quem está de fora deste espaço. É perceptível uma constante reprodução em massa de informações vinculadas a insegurança, o medo e a violência como pautas rotineiras sobre a favela. As cidades brasileiras do século XXI revelam assimetrias e segregações nos usos espaciais, o que faz com que diversos lugares das cidades passem a não ser vividos de uma maneira fortuita, muito pelo contrário, há que se pensar milhares de possíveis rotas, lugares circuláveis e horários adequados.

A partir disso, enxergo a cidade fragmentada em múltiplas cidades com formas diferenciadas, demandas e representações espaciais diversas. Diante disso, a favela é um espaço da metrópole que por si só é heterogêneo carregando múltiplas formas de existência e sobrevivência, a partir disso há um processo dialético na análise espacial, marcado por contradições discursivas e existenciais. Portanto, o Lugar nesse trabalho será um conceito muito caro para analisar o rebatimento espacial em questão, a construção de um espaço de pertencimento e o resgate identitário. Ressalto a importância da concepção de uma imagem legítima sobre a favela e seus projetos pelo próprio sujeito favelado, dessa maneira, desvinculado da “visão de sobrevoo” (SOUZA, 2011). Por isso, compreendendo que a geografia é ferramenta para cooperar com a transformação social e espacial.

A princípio gostaria de localizar o meu ponto de partida do qual eu também tomo partido, já que me coloco enquanto uma investigadora militante⁴ (BARTHOLL, 2018).

³ Pesquisa-ação está associada a uma pesquisa social crítica em que nela a pesquisadora tem o papel de sujeito e de objeto, encarando as demandas de lutas coletivas do seu contexto social e pesquisando para além de um olhar apenas observador e passivo, com o objetivo de investigar, propor intervenções, transformações e construir coletivamente através dos processos vividos.

⁴ Bartholl considera a investigação militante “uma ferramenta de reflexão da luta para fortalece-la, quanto pelo fato de ser uma investigação exercida em contexto de militância por alguém envolvido e inserido diretamente nos próprios processos pesquisados.” (2018, pág. 77)

Assim, o desenvolvimento dessa pesquisa pretende revelar os frutos de um projeto que se desenvolveu no primeiro semestre de 2021 realizado pelo Coletivo COE⁵ no Morro do Final Feliz que faz parte do Conjunto de favelas do Chapadão⁶, o qual é uma tentativa de criar um espaço de produção de alimentos agroecológicos, e assim, ter a consolidação de uma proposta de Soberania Alimentar. Além disso, trazer para o diálogo o sucesso do primeiro ciclo de oficinas realizado pelo Coletivo COE no Quintal Escola Chico Mendes e os frutos da construção de uma metodologia específica que será reutilizada, com alguns ajustes, para novos ciclos.

Dessa forma, busco demonstrar que esse tipo de iniciativa que se consolida produzindo o espaço de uma outra forma. Bem como, não é noticiado pelos meios de comunicação e pelos grandes jornais que se preocupam em expor os fatos rotineiros da vida na metrópole carioca. Portanto, estar configurado dentro de uma lógica urbana de segregações e exclusões, marcada por diversas assimetrias no uso do espaço, me permite enxergar as miudezas da ação social que não são vistas pelos agentes hegemônicos.

Isso posto, o objetivo geral do referido artigo é compreender a existência de uma multiplicidade discursiva acerca do Conjunto de Favelas do Chapadão. Dessa forma, os objetivos específicos estruturam-se em Analisar como a visão da mídia e do Estado influenciam na construção da identidade dos moradores do Conjunto de Favelas do Chapadão; debater sobre as intencionalidades discursivas reproduzidas pelas reportagens jornalísticas acerca das favelas; demonstrar uma outra forma de compreensão sobre o que é o Conjunto de Favelas do Chapadão a partir do diálogo com o Coletivo COE.

⁵O movimento social do qual me refiro se chama Coletivo COE, tem esse nome por ser a forma como os cariocas se cumprimentam, principalmente dentro das favelas, porém esse nome também pode ser entendido como uma sigla para Conscientizar, Organizar e Educar, que são os principais objetivos do coletivo. Meu envolvimento com o Coletivo COE está associado a minha participação no COE UERJ que é um projeto de educação popular que tem o objetivo de orientar todas as pessoas que tenham interesse em entrar na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁶Assim como tantas outras favelas cariocas o Conjunto de Favelas do Chapadão possui mais de um nome. Alguns moradores também chamam de conjunto de Favelas Chico Mendes, em homenagem ao seringueiro Chico Mendes e sua luta de resistência. Porém, no meu trabalho optei por usar Conjunto de favela do Chapadão, pois sempre usei esse nome, assim como meus pais, avós, amigos e vizinhos. Contudo, não nego a existência da outra nomenclatura e da sua importância simbólica. Hoje o Conjunto de Favelas do Chapadão se encontra dividido entre as seguintes favelas: Morro do Final Feliz, Morro do Gogó da Ema, Parque Esperança, Morro das Torres, Morro do Bom Tempo, Planalto, Morro do Himalaia, Morro da Cova da Onça, Favela da Linha, Morro do sem Terra, Favela do Job, Morro do Cavalheiro, Morro do Tiradentes, Morro da Xica, Morro da Santa Edwiges (popularmente conhecido como Morro do Papel Cagado) e Morro Chico Mendes.

Para consolidar a realização dos objetivos expostos, me baseio no método participativo sugerido por Timo Bartholl (2018), o autor chama de Pesquisa-ação a alternativa metodológica que tem como objetivo a “solução prática dos problemas estudados, e a colaboração entre pesquisadores e pesquisados/atores” (Bartholl, 2018, p. 74) dentro de uma lógica horizontal, esse processo se consolida na medida em que o pesquisador faz parte e ingressa no mundo vivido do próprio objeto de pesquisa, expondo, destarte, algumas visões relacionadas ao que ele denomina de “*insider*”⁷ (BARTHOLL, 2018).

A partir desse processo de pesquisa-ação surge uma derivação desse campo metodológico que é denominada pelo autor de “investigação militante”. É importante ressaltar que nesse tipo de investigação “o sujeito investigador tem um ponto de partida (e toma partido), parte de um ponto de vista moldado pela sua trajetória tanto da sua participação em lutas sociais como em processos de elaboração teórica.” (Bartholl, 2018, pág. 77).

À vista disso, parece evidente que muitos movimentos sociais se preocupam com o diálogo, com a tarefa de proporcionar a construção de novas referências que são distintas daquelas colocadas pelo estigma espacial dos sujeitos favelados. Nesse sentido, pretendo trazer para discussão o potencial da favela em ser múltipla, e como as organizações sociais rebeldes valorizam a autoestima favelada e colaboram para a construção de outras realidades e espaços. Por fim, é sobre esse ato rebelde que pretendo dar voz através da escrita, discussão e fala. Pois a cidade ainda se destina às classes burguesas, porém alguns grupos, por meio de ações rebeldes, estão engajados em resistir, transgredir e questionar a ordem hegemônica que cria armadilhas para inviabilizar seu acesso a esse direito.

2- Qual ponto de vista importa? Tecendo novas possibilidades de compreender o Conjunto de Favelas do Chapadão

É comum ouvir no cotidiano notícias reproduzidas pela mídia que tratam o Conjunto de Favelas do Chapadão como um espaço da criminalidade e dos diversos tipos de violência. A partir dessa ideia que homogeneíza o espaço da favela, surge uma demanda por salientar a diversidade de mundos existentes dentro desse rebatimento espacial. Nesta parte, o que se pretende, inicialmente, é construir uma outra perspectiva do que é o Conjunto de Favelas do Chapadão, partindo do ponto de vista de quem está de dentro. Sendo assim, há um processo

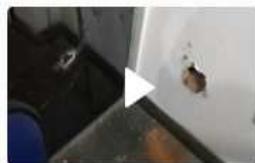
⁷ “Interno”, referente ao grupo ou movimento social que é sujeito da pesquisa” (BARTHOLL, 2018, pág. 75)

dialético de construção e desconstruções de visões, buscando intercalar o ponto de vista de quem está dentro e fora.

Se, despretensiosamente, escrevermos “Complexo do Chapadão” no “Google”, encontraremos uma infinidade de notícias informando as ações policiais que aconteceram nos últimos meses nesse espaço. Para o jornalismo e também para o Estado, esse espaço é lembrado pelo fato de ser uma das favelas mais perigosas da metrópole carioca. Há uma estigmatização da pobreza grandiosa na maior parte dessas reportagens, além de serem escritas por pessoas que estão de fora do contexto social da favela.

A visão produzida e reproduzida pela mídia e pelo Estado é vinculada, dessa forma, a “Visão de Sobrevoos”. Segundo Marcelo Lopes de Souza (2011) esse conceito implicaria em analisar os fenômenos do alto e com um notório afastamento. “Pois bem: o que significa, de um ponto de vista político, examinar os homens e grupos sociais exclusivamente ou quase exclusivamente “de longe”, “à distância” (SOUZA, 2011, pag. 148). Este modo de olhar e interpretar um rebanimento espacial implica em não analisar uma realidade de perto, “sem adentrar as suas casas, sem mergulhar em seu cotiadio, sem sentir os odores da pobreza, sem ouvir os sons do desespero ou gritos de libertação.” (SOUZA, 2007, p. 104).

Ao analisar as reportagens realizadas no ano de 2021 pelo portal online do G1 sobre o Conjunto de Favelas do Chapadão (ver exemplos nas figuras 1, 2, 3 e 4) percebe-se que a grande maioria dos enunciados das notícias tinham as palavras: operação policial, violência, troca de tiros e morte. Há uma propaganda feita pelos grandes meios de comunicação de massa que o “Complexo do Chapadão” - como eles chamam - é um lugar do conflito, da morte e da desgraça. Isso influencia na própria construção de subjetividade dos moradores, que consomem essas notícias cotidianamente. Dessa forma, essa construção discursiva implica na própria subjetividade desses sujeitos, que muitas vezes têm vergonha de admitir que moram na favela ou não se reconhecem como parte do lugar. Abaixo estão algumas dessas reportagens com a finalidade de ilustrar a realidade reproduzida pelo G1, jornal que possui ampla magnitude informativa dentro do território nacional.



G1

Moradores relatam intenso tiroteio no Complexo do Chapadão, Rio

Buraco de tiro em salão Recebida por WhatsApp Moradores do **Complexo** de favelas do **Chapadão**, Zona Norte do Rio, relataram estar... — ... da presença policial nas imediações do **Complexo** de Comunidades do **Chapadão**, em Costa Barros, Zona Norte da Cidade do Rio. Vias...

23/08/2021 18h53

Figura 1: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/20/moradores-relatam-intenso-tiroteio-no-complexo-do-chapadao-rio.ghtml>)



BOM DIA RIO

Mulher morre baleada no Complexo do Chapadão, em Costa Barros

A família da vítima, Priscila Carmo Silva, de 36 anos, afirma que o disparo partiu da polícia

13/08/2021 09h00

Figura 2: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/mulher-morre-baleada-no-complexo-do-chapadao-em-costa-barros-9765674.ghtml>)



RJ1

Um suspeito foi morto e um outro ferido durante um confronto com PMs Complexo do Chapadão

A manhã foi de tiroteio na região.

04/01/2021 13h19

Figura 3: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/um-suspeito-foi-morto-e-um-outro-ferido-durante-um-confronto-com-pms-complexo-do-chapadao-9150438.ghtml>)

G1

Pelo 3º dia seguido, PM faz operação no Chapadão; Bope ocupa Serrinha

Policiais do 41º BPM (Irajá) iniciaram uma operação no **Complexo** do **Chapadão**, em Costa Barros, na manhã deste sábado (11... — ..., de 58 anos, foi morto com um tiro na cabeça, na Avenida Nazaré, em Anchieta, bairro vizinho ao **Complexo** do **Chapadão**, ao pedir...

11/12/2021 15h17

Figura 4: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/11/operacoes-pm-sabado.ghtml>)

A partir dessa análise inicial surge o seguinte questionamento: Como os sujeitos conseguem se reconhecer no meio desse furacão de atrocidades repercutidas pela mídia? A crueldade da visão midiática que dissemina apenas as informações negativas a respeito do espaço, causa danos a formação da identidade dos moradores do lugar, onde muitos passam a não se reconhecer como parte desse espaço, e se desvinculando da ideia principal da formação territorial da favela que é um espaço de abrigo e resistência, ou como fórmula de sobrevivência como dito por Kowarick (1979).

Este posicionamento midiático não é apenas cruel, ele possui uma intencionalidade clara que está relacionada “a construção da ideia de que vivemos uma total insegurança, amparada no que se denomina “aumento da violência”, abre brechas para a construção de estratégias de controle espacial.” (FERREIRA, 2021, p. 141). O mesmo autor ressalta que os investimentos em educação, cultura e esportes saíram muito mais baratos comparados aos recursos de ações bélicas. (FERREIRA, 2021). Assim, conclui-se que há um propósito relacionado a manutenção da guerra nas favelas, e obviamente, a manutenção do exercício do poder excessivo do Estado sob as favelas através das operações policiais.

Associado a esse tipo de jornalismo podemos destacar e observar a perspectiva da política adotada pelo Estado. Através das reportagens a mídia contribui para ressaltar a existência de um espaço que apresenta um perigo eminente e que este precisa ser combatido, sendo assim, “é possível perceber, então, como a construção da ideia de (in)segurança tem um papel fundamental importante em nosso cotidiano e, a partir disso, como o controle passa a ser autorizado pela sociedade, já que serviria para protegê-la.” (FERREIRA, 2021, p. 143). Sob esta ótica, conclui-se que a intervenção Estatal nesse espaço, na maioria das vezes, se dá através da violência, com operações policiais que matam dos dois lados⁸, tanto da polícia quanto dos que estão de dentro da favela, sendo inocentes ou não. Enquanto que por outro lado há uma ausência de investimentos básicos em educação, saneamento básico, habitação, cultura e lazer.

As reportagens do ano de 2021 foram as escolhidas pois nesse mesmo ano se inaugurou a iniciativa Quintal Escola Chico Mendes no Morro do Final Feliz que é um dos morros integrantes do Conjunto de favelas do Chapadão. Portanto, esse projeto foi

⁸Major da reserva da PM e pesquisador do IESP-UERJ, **Luiz Alexandre Souza** considera que, historicamente, a política de segurança pública no Rio de Janeiro "sempre foi a do confronto". Para o oficial, as polícias têm "extrema dificuldade" em elaborar formas diferentes de atuar, que não o confronto armado, o que segundo ele "leva sempre à morte de marginais, de inocentes e dos próprios policiais em serviço". Para acessar a reportagem completa: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/15/rj-tem-7-entre-as-10-maiores-cidades-com-as-mais-altas-taxas-de-letalidade-policia-do-pais.ghtml>

desenvolvido pelos atores sociais do lugar, porém, não ganhou nenhuma repercussão midiática, nem o reconhecimento do Estado. O ponto de partida desse artigo está em resgatar o ponto de vista dos sujeitos que moram no Conjunto de Favelas do Chapadão, e como esses enxergam esse espaço. O processo de aceitação enquanto sujeito favelado, pertencente a um lugar que é retratado pelas mazelas e conseqüentemente, passa por um momento de negação. Essa negação identitária traz conseqüências gigantescas para o lugar, visto que, a partir disso, o pertencimento não faz mais sentido e a vida cotidiana passa por uma severa crise de reconhecimento interferindo na construção subjetiva dos sujeitos.

A autoestima do favelado precisa ser um assunto a ser debatido, pois ela é construída, na maioria das vezes, por quem está de fora, e os sujeitos protagonistas reverberam os estigmas relacionados a sua existência, construindo um imaginário desvinculado da realidade do cotidiano. A construção subjetiva do povo passa por um processo impregnado de senso comum na formação da identidade, como relembra Franco (2016) “O preconceito e a discriminação, que crescem com a atual ênfase na criminalização da pobreza, ganha predominância na subjetividade coletiva”. (FRANCO, 2016, P.61).

Por isso, é preciso lembrar que a favela, como afirmava Kowarick (1979), é em sua essência fórmula de sobrevivência. Dessa maneira, esse espaço é necessário para o pobre conseguir se consolidar na metrópole. SILVA, 2013 mostra que “a ausência de políticas públicas voltadas à habitação fez com que os setores populares no Brasil solucionassem seus problemas de moradia. Foi a fase do aumento acentuado da população favelada e da expansão das franjas periféricas da cidade.” (Pág. 187) O Centro do Rio de Janeiro cresce vorazmente, segrega a população pobre para áreas mais afastadas, e a favela surge como abrigo imediato. Isso posto, a proposta não é romantizar a existência de favelas, mas demonstrar a sua função para uma população que carece de moradia e precisa se consolidar no urbano.

O conceito de Lugar é fundamental na construção da minha análise, visto que, “o lugar deixa de ser um cenário estático onde os diferentes fatos se sucedem, passando a ser considerado como um componente dinâmico dos processos políticos, sociais e econômicos” (BRINGEL, PÁG. 41, 2007). Por isso, compreendo que pensar o lugar seja uma forma de visibilizar os projetos elaborados pelos sujeitos subalternos e suas modalidades locais de configurar o mundo. (BRINGEL, 2007)

Porém, no período atual é imprescindível compreender que, além das interferências do discurso midiático e do Estado, há que se levar em consideração o processo de globalização, e

as dinâmicas estabelecidas a partir da disseminação tecnológica. Neste período há a consolidação de uma nítida tentativa de homogeneização dos lugares, por isso, penso que seja necessário identificar a singularidade do Conjunto de Favelas do Chapadão frente a esse processo, reconhecendo que processos globais influenciam nas dinâmicas locais. (MASEEY, 2008). Na busca de tentar compreender o sentido global do lugar DoreenMassey (2008), não deixa de destacar a importância da busca do sentido de lugar a partir das experiências locais.

Dessa forma, Massey (2008) ressalta que a construção do sentido de lugar se relaciona ao pertencimento a uma comunidade local. Entretanto, a globalização tem determinado a maneira como compreendemos o lugar, no caso analisado, reconheço que há uma influência do processo de globalização que se materializa no lugar por meio do acesso à tecnologia da informação. Aliado a isso, há uma estratégia do capital de determinar nossa compreensão e experiência sobre o espaço, desse modo, entendemos que há uma notória estratégia de apagar o sentido de lugar (MASSEY, 2008). Se há um interesse do capital em apagar determinados sentidos, é porque por outro lado existem tensões que acabam por desestabilizar a ordem hegemônica. A partir disso, pretendo no próximo tópico entender as cidades enquanto arenas de disputa, “no sentido que por mais que sejam templos de desigualdade, de expulsão e de violência, são também palcos de lutas urbanas.” (SILVA, 2013)

Assim, pretendo estabelecer uma forma de análise que construa um campo de disputa discursivo sobre o que é o Conjunto de Favelas do Chapadão. Portanto, a favela não existe apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na autogestão popular. Sob estas premissas, os movimentos, articulações e mobilizações sociais são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão a partir da realidade de um espaço segredado.

Como demonstra SILVA, 2013 “os movimentos sociais têm ampla confiança na sua capacidade de produzir espaços fortes e criativos”. Logo, é pertinente trazer para o debate formas criativas e fortes estabelecidas pelos movimentos sociais de pensar e produzir o espaço. Pois, se eu compreendo a cidade enquanto arena de disputa –espacial e ideológica – se torna muito importante corporificar os sujeitos que estabelecem tensões por meio do fazer cotidiano, pensando possíveis caminhos para a democracia verdadeira a fim de construir de um espaço favelado outro a partir da autogestão.

3- Semeando novos Lugares através da coletividade: A horta urbana no Conjunto de Favelas do Chapadão

Partindo do pressuposto que o Conjunto de favelas do Chapadão é um espaço heterogêneo, esta parte da pesquisa se propõe a analisar o espaço a partir do que acontece internamente, através dos atores sociais e seus cotidianos. Pois remetendo a discussão anterior, a visão midiática e do Estado não colaboraram muitas vezes em nada com a construção de uma interpretação crítica sobre este espaço, uma vez que, privilegia e exalta os problemas sociais existentes e contribui para o fomento de uma mentalidade preconceituosa sobre o lugar.

Dessa forma, colocar em questão a análise superficial destes agentes é fundamental, pois esses supervalorizam a violência em detrimento de dar voz aos atores sociais e seus projetos de produção do espaço dentro da favela. Sob esta ótica, o que se pretende é entender a favela como espaço de produção de conhecimento e desvincular do olhar que se direciona a enxergar apenas a violência, operações policiais, trocam de tiro.

Para dar continuidade a análise, o debate se inicia com uma premissa elaborada por Siniscalchi (2020) “se é na a vida cotidiana que a produção-reprodução do espaço ganha concretude, torna-se vital para a pesquisa geográfica analisar as práticas espaciais e os sujeitos da ação social através da problemática do cotidiano. ” (p. 48). Desse modo, a construção analítica que segue, buscará compreender e adentrar na vida cotidiana para trazer à tona os atores que produzem o espaço, superando o paradigma da “visão de sobrevoo” (SOUZA, 2008).

Para elucidar o ponto de partida é necessário introduzir o rebatimento espacial em análise, este é protagonizado pelo Coletivo COE (Conscientizar, educar e organizar) que existe há 15 anos no Conjunto de favelas do Chapadão, mas especificamente localizado na Favela do Final Feliz (ver figuras 5, 6 e 7). À vista disso, a atuação do coletivo se dá através da literatura, cultura, lazer, arte e da educação. Além disso, o coletivo foi responsável pela construção de três bibliotecas comunitárias no Chapadão (Biblioteca Paulo Freire, Tricicloteca Cultural Abdias Nascimento (móvel) e Biblioteca Comunitária Carolina de Jesus) e são responsáveis por promoverem a FLICC que é a Festa Literária do Complexo do Chapadão.



Figura 5: Festa Junina na Biblioteca Paula Freire com os membros do Coletivo COE.



Figura 6:Foto da faixada da biblioteca Paulo Freire localizada no Morro do Final Feliz.

O coletivo foi fundado por uma família moradora da favela do Final Feliz, um dos morros que fazem parte da Conjunto de Favelas do Chapadão. Portanto, pai, mãe, filhas e tias se envolvem e cooperam no trabalho da coletividade. Desse modo, Jocemir e Clara (pai e

filha) assumem a posição de liderança comunitária, Jocemir Reis é pai de Clara, e fundador do Coletivo COE, além de ser professor de filosofia e referência na luta pela democratização da educação na Favela. Vale ressaltar que Jocemir foi o ganhador do Prêmio Extraordinário 2014⁹ na categoria Educação. O prêmio reconhece ações que têm como objetivo a melhoria da sociedade. Sua filha, Clara Reis, atualmente cursa pedagogia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), é referência para muitos jovens dentro da favela. Ambos possuem como grande ferramenta de inclusão o incentivo à literatura para ajudar na formação e informação de quem vive no conjunto de favelas do Chapadão.

Nessa pesquisa, pretendo trazer para o debate a participação social no processo de formação de uma outra espacialidade dentro do conjunto de favelas do Chapadão. Corroborando com a ideia de Ferreira, 2020 quando diz que “participar não se limita a opinar sobre um determinado projeto, supõe também a vontade de intervir na produção do espaço.” (p.85). Por esta razão, a atuação do Coletivo COE que se configura dentro de uma lógica urbana de segregações e exclusões, marcada por diversas assimetrias no uso do espaço e revelando desigualdades espaciais, abre uma brecha para “romper com o cotidiano a que somos submetidos” (FERREIRA, 2021, p. 85).

Pensar sobre as particularidades espaciais e na vida cotidiana, é o caminho que se pretende seguir. Por conseguinte, em dialogando com Siniscalchi (2020) “trata-se de valorizar a dimensão espacial da vida cotidiana, tal como uma categoria analítica interessante para o estudo do espaço urbano-metropolitano, para aproximar a teoria geográfica das paixões, ideais e intenções que movem as ações sociais.” (p. 56). Sob este entendimento, é preciso levar em conta a vida na favela e suas demandas, pois compreende-se que há a necessidade de inventar no presente condições criativas para viver o hoje e o amanhã.

O Conjunto de favelas do Chapadão se mostra como um espaço de insurgências, partindo desse pressuposto a autora Ana Fani (1996) pensa que a “produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época. O cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tão pouco a atos isolados, isto porque no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades.” (p. 81). Portanto, a metrópole também precisa ser entendida através do âmbito vivido, dos protagonistas das ações de apropriação do espaço pelo uso e suas táticas.

⁹Para ter acesso a reportagem completa: <https://extra.globo.com/noticias/rio/ganhadores-do-premio-extraordinarios-comemoram-reconhecimento-de-projetos-sociais-14734435.html>

Entende-se, então, que as insurgências estão nas periferias, nas favelas, nas áreas segregadas, nas brechas da cidade, por isso é importante compreender a problemática contraditória que envolve o cotidiano na metrópole. Pois é dele que surge os problemas de reprodução no sentido amplo e as lutas sociais, é no lugar que se acentua o possível, sendo este um fator determinante para se organizar coletivamente e haver insurreições. (CARLOS, 1996) Desse modo, “não se trata de acreditar que tudo se resolve no âmbito do local, mas é fato que é na escala do lugar que a população sente mais fortemente os efeitos na desigualdade na produção do espaço (...)” (FERREIRA, 2021, p.210). Portanto, o espaço vivido é a escala principal desta análise.

Como Ailton Krenak nos lembra “ temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (2020, pág. 24). Logo, para iniciar o processo de envolvimento precisamos refletir sobre o espaço da multidão, que se dá na forma de espacialização do conceito de comum (SINISCALCHI, 2020). Quando me direciono a pensar a ação política do Coletivo COE encaminho o fazer “para a autodeterminação e para a autogestão, estamos valorizando a ideia do fazer junto. ” (FERREIRA, 2021, P.217), por isso, essa pesquisa valoriza o fazer plural e coletivo.

“O comum urbano é produzido através da prática do fazer-comum, que se realiza por meio do valor de uso, da apropriação e do exercício da autogestão. ” (FERREIRA, 2021, P. 230). Para compreender melhor este princípio político, se evidencia que existe dois pontos convergente no entendimento do comum, a negação da propriedade e a organização em rede de cooperação. Portanto, o comum seria um horizonte político que “se produz e usufrui coletivamente” do espaço, ocasionando a produção do espaço que reitera o sentido do vínculo. Desta maneira, estaria o sentido de reproduzir a vida centrada no valor de uso, a cooperação e a partilha através de novas modalidades de gestão. (SINISCALCHI, 2020).

Assim, é a partir da compreensão da dimensão da proximidade e de novas modalidades de gestão espaciais que surgem as demandas criativas de resistência. Sob essa ótica, pode-se compreender a necessidade, por exemplo, da construção de um projeto de horta urbana dentro do Conjunto de Favelas do Chapadão. Neste momento, a intenção é trazer para o debate a idealização e concretude do projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes (ver figuras 7 e 8) que fica localizado no morro do Final Feliz, e tem como objetivo atenuar os problemas relativos a insegurança alimentar, produzir alimentos orgânicos, debater sobre a

educação ambiental e inserir os sujeitos dentro de um espaço educativo que remonta técnicas ancestrais e o contato com a terra.



Figura 7: Integrante do coletivo COE colhendo hortaliças provenientes do Quintal Escola Chico Mendes.



Figura 8: Integrante do coletivo COE fazendo ajustes na Horta do Quintal Escola Chico Mendes.

No primeiro semestre de 2020, o Brasil e o mundo passaram a vivenciar um momento de Pandemia de Covid 19. Esse momento global acabou por influenciar nas dinâmicas locais. Desse modo, percebe-se que a população residente de favelas foi drasticamente atingida pelos problemas relacionados a ausência de políticas governamentais de fato eficazes no momento da pandemia. Isso é demonstrado em uma pesquisa realizada pela Central Única de Favelas (Cufa) em conjunto com o Instituto Data Favela e Locomotiva, no ano de 2021 na Cidade do Rio de Janeiro, o resultado da investigação revela que 82% da população de favelas cariocas depende de

doações para alimentar a família. Ainda de acordo com os dados, o número médio de refeições por dia dessas famílias é 1,9.¹⁰ O Estado manteve desamparada a população das periferias urbanas, enquanto que em contrapartida a população teve que lidar com os problemas relacionados a fome e ao desemprego.

Como visto, o problema relativo a insegurança alimentar é uma realidade vivenciada na favela, e ainda assim, há uma ineficiência de execução de políticas públicas destinadas ao combate à fome, principalmente durante os últimos anos. Em consequência disso, a população das periferias urbanas esteve desamparada. Portanto, é no cenário das ausências que os atores sociais tomam o espaço enquanto oportunidade para resolver com criatividade os problemas cotidianos, dessa forma, produzindo outros espaços a partir das demandas existenciais e da autogestão.

O Coletivo COE nesse mesmo período iniciou uma ação de distribuição de cestas básicas, os itens que compunham as cestas básicas eram recebidos através de doações sendo a biblioteca Paulo Freire o principal ponto de distribuição e acolhimento. Porém, a distribuição de cestas básicas é uma proposta paliativa e emergencial ao problema da fome, dessa maneira, a longo prazo essa medida não é eficaz. Nesse percurso, que em 2020 o coletivo COE comprou um terreno de 560 metros quadrados para implementar um projeto que pudesse oferecer ao problema da fome, da soberania e insegurança alimentar no Complexo do Chapadão, uma solução a curto, médio e longo prazo, com intuito de que neste local sejam produzidos alimentos orgânicos pelos próprios moradores.

Nesse contexto, no primeiro semestre de 2021 as ações começaram a ser elaboradas para estabelecer a construção do projeto de soberania alimentar. Para isso, foi elaborado um curso de Agroecologia e Pensamento Sustentável do Quintal Escola Chico Mendes. Sendo a agroecologia, entendida como uma prática de produção agrícola que respeita a ecologia local incorporando valores culturais e tradicionais as práticas de cultivo, entendo que “a agroecologia não é apenas um corpo de conhecimentos úteis, passíveis de serem aplicados, mas se configura como prática social, ação de “manejo” da complexidade dos agroecossistemas particulares” (GUHUR E TONÁ, 2012, pág. 64), portanto considera-se a importância do lugar pois esse está inserido em um espaço de múltiplas relações naturais e

¹⁰Podemos encontrar mais detalhes a respeito disso no site: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/18/mais-de-80percent-das-familias-que-vivem-em-favelas-dependem-de-doacao-para-se-alimentar-diz-levantamento.ghtml>. Acesso em 01/08/2021

sociais que são determinadas e determinantes para nossa prática agroecológica (GUHUR E TONÁ, 2012).

“A agricultura urbana de base ecológica, praticada nos quintais produtivos, maximiza o controle biológico natural de pragas e doenças, desenvolvendo um processo de autorregulação. De maneira oposta, o uso de agrotóxicos e/ou adubos químicos, tendem a descontrolar todo o sistema biológico, tornando as plantas vulneráveis ao ataque das pragas, rompendo com o equilíbrio ecológico e degradando a natureza” (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016, pág. 91)

A respeito disso, o curso de Agroecologia e Pensamento Sustentável do Quintal Escola Chico Mendes contou com um total de 7 adolescentes de 10 a 16 anos que moram próximo do Quintal (ver figuras 9 e 10). O nome do curso é “O que está acontecendo no meu Quintal?”¹¹, este foi elaborado em coletividade pelos membros do coletivo. Para isso, houve a construção de uma metodologia específica e própria para o processo formativo dos cursistas com base no conhecimento espacial e em uma bibliografia que foi debatida entre os membros do coletivo. A importância dessa construção em coletivo resultou em um material teórico que será muito útil para os próximos cursistas para elucidar as questões relacionadas a agroecologia, segurança alimentar, agricultura urbana e sustentabilidades.



Figura 9: Primeiro encontro do curso “O que está acontecendo no meu Quintal?” Realizado pelo Coletivo COE.

¹¹Vale dizer que o nome do curso foi escolhido por um dos cursistas o Gabriel.



Figura 10: Oficina sobre Solos, neste encontro buscamos debater as particularidades do solo encontrado no Quinta Escola Chico Mendes, assim como, compreender os processos erosivos, o perfil e os modos de manejo adequado.

De forma bem objetiva, se faz necessário escutar aqueles que protagonizam o cotidiano, vivem o espaço e presenciam as mudanças com o intuito de “constituir novas afinidades, novas identidades, novos espaços em comum, novas comunidades de destino, novas territorialidades. E agora, sem dúvida, não mais 'por cima', pelos 'de cima' e para os 'de cima'”. (Porto-Gonçalves 1998). Sob essa premissa, é necessário pensar nesse espaço, que é território e abrigo, para além do que escutamos cotidianamente pela visão daqueles que fazem questão de enfatizar que a favela seja um *bunker* de bandidos¹². Afinal, a “revolução começa justamente na revolução da vida cotidiana.” (FREIRE, 2014, p. 30).

Tem uma frase do Ailton Krenak que ilustra bem o caminhar desse projeto: “O tempo passou, as pessoas se concentraram em metrópoles e o planeta virou um paliteiro. Mas agora, de dentro do concreto, surge essa utopia de transformar o cemitério urbano em vida.” (KRENAK, 2020, pág. 22). O cemitério urbano ganha vida quando temos sonhos, e esses

¹²Reportagem exibida pelo telejornal RJ2, da TV Globo, no dia 26/08, dizia que o gigantesco Complexo da Maré, que possui 140 mil moradores espalhados em 17 favelas, era apenas um “*bunker*” de criminosos. Título da reportagem no site do G1: “‘Bunker’ de bandidos, Complexo da Maré concentra mais de 240 foragidos”. Os moradores da Maré rebateram a reportagem afirmando que a favela é *bunker* de potência.

sonhos passam do plano da imaginação para a realidade, como por exemplo a construção de uma horta urbana que proporciona uma outra mentalidade, um outro espaço.

Desse modo, a existência do Coletivo COE demonstra que a ação coletiva produz espaços de aconchego e resistência, permitindo a possibilidade de enxergar novos horizontes através do fazer comunitário na metrópole. Assim, a construção teórica desse artigo movimenta-se com o intuito de demonstrar que o Conjunto de favelas do Chapadão é, acima de tudo, potência. Os atores estão pensando estratégias para combater e driblar a insegurança alimentar e construindo tecnologias sociais que são artifícios de enfrentamento a ordem hegemônica.

O debate realizado até o momento se constrói unindo o anseio de entender as diferentes práticas espaciais e o direito de produzir o espaço. Nesse breve tópico, acrescentei ao debate do urbano uma outra forma de existir na favela, através da perspectiva do povo que está inserido ativamente na produção desse espaço, com funcionalidades específicas orientadas pelas demandas existenciais. Compreende-se que dar voz a esses atores é uma forma de visualizar as possibilidades e insurgências que caminham para um futuro a partir do comum.

4- Conclusão teórica (a prática continua)

Por fim, presumo que essa pesquisa seja relevante para contribuir com o trabalho daqueles que estão lutando pelo direito à cidade. Como Freire (1997) bem escreveu, é necessário ter rebeldia para se libertar das amarras da dominação, “(...) para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores. ” (FREIRE, 1997, p. 92).

Como vimos nos tópicos anteriores, segundo a mídia oficial, as favelas são antes de mais nada os lugares mais violentos da Metrópole Carioca. Se viver na favela, segundo as notícias, é um eterno pesadelo, como seria possível sonhar nesse espaço? Sonhar é um caminho para começar a produção de um outro espaço, “assim, a metrópole é o lugar da atomização da vida, mas de outro lado, é o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de um sonho comum através das apropriações possíveis a partir de uma trajetória comum de vida. ” (CARLOS, 1996, p.82)

Os resultados alcançados através da pesquisa demonstram que a ação coletiva constrói o território de aconchego e resistência, permitindo a possibilidade de enxergar novos horizontes através do compartilhamento das utopias. A partir do meu engajamento enquanto pesquisadora-militante, pude entender melhor as proeminências espaciais através do cotidiano e me organizar coletivamente com aqueles que pretendo construir utopias.

A realidade disseminada pela grande mídia e pelo próprio aparelho Estatal demonstram a favela como um espaço perigoso, repleto de más influências e cerceado pelo medo. Portanto, o que move a prática do Coletivo COE? Demonstrar que o Conjunto de favela do Chapadão é potência, e que tem muita gente boa dentro deste lugar. Finalizo reiterando que há aqueles que estão lutando através do próprio cotidiano e precisam ser notados e reverenciados pela sua (r)existência, como o Coletivo COE, por exemplo. Compreendo que assim como os corpos especializados, a Geografia está em movimento, faz parte dos movimentos e é ferramenta para a movimentação.

6-Referencial bibliográfico

BARTHOLL, Timo. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

BRINGEL, Breno Marqués. O lugar nos movimentos sociais e o lugar da geografia na teoria dos movimentos sociais. Boletim Goiano de Geografia, v. 27, n. 2, p. 35-49, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, Alvaro. A cidade que queremos: produção do espaço e democracia. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, p. 90, 1996

GUHUR E TONÁ, Agroecologia. In:PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação do campo. 2012.

KOWARICK, Lúcio. Sobre a construção de um instrumento de análise: a espoliação urbana. Novos Estudos, n. 118, p. 567-576, 2020.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. Companhia das letras, 2020.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. (org.). O espaço da diferença. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografia e movimentos sociais no processo de globalização em curso: Apontamentos. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 24, n. 1, 1998.

SILVA, Adriella Camila Gabriela Furtado; DOS ANJOS, Mônica de Caldas Rosa; DOS ANJOS, Adilson. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. Guaju, v. 2, n. 1, p. 77-101, 2016.

SILVA, José Borzarcchio. Movimentos sociais e processo de produção da cidade. In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio; SILVA, Augusto César P. da (Org.). Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013, p.169-192.

SINISCALCHI, Matheus Viriato de Madeiro. Semeando o comum na metrópole contemporânea: as hortas urbanas comunitárias da cidade do Rio de Janeiro. 2019. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Marcelo José Lopes. Por uma geografia libertária. Consequência, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, p. 147-166, 2011.